

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro

Psychology workshops with elderly and the possibilities to signify the present and the future

Paulo Victor Bezerra
Talita Baldin
José Sterza Justo

RESUMO: Este artigo apresenta e discute uma intervenção realizada junto a um grupo de 15 mulheres com idades entre 60 e 85 anos, organizado pelo Departamento de Psicologia da UNICENTRO em parceria com a Pastoral da Pessoa Idosa do município de Irati, situado na região centro-sul do Estado do Paraná, Brasil. A partir de discussões sobre tempo, experiência de vida e valores existenciais, as atividades propostas favoreceram a irrupção de novas expectativas e projetos de vida, assim como a conscientização das participantes como protagonistas de suas existências.

Palavras-chave: Envelhecimento; Teatro; Fotografia.

ABSTRACT: *This paper reports an experience of practicum in Psychology held in an elderly group of 15 women between 60 to 85 years old in a medium-sized city located in southern Brazil. As we engaged on discussing about time, life experience and existential values, our proposals has privileged the individuals as protagonists of their own lives, seeking to build new expectations and plans for their existence.*

Keywords: *Aging; Theater; Photography.*

Introdução

O presente artigo consiste no relato e análise de uma experiência de estágio profissionalizante realizado junto a um grupo de idosas, por uma acadêmica do último ano do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Brasil. Tal grupo era formado por 15 mulheres com idades entre 60 e 85 anos, vinculado a um projeto da Pastoral da Pessoa Idosa, desenvolvido em uma Igreja Católica. Além das Oficinas de Psicologia que passamos a desenvolver com esse grupo, de maneira completamente autônoma e sem qualquer cunho religioso, também eram realizadas outras atividades, como bingo, ginástica e confraternizações temáticas.

A demanda surgiu do próprio grupo, que procurou o Departamento de Psicologia da Universidade, solicitando um trabalho de atenção psicológica, visando ao fortalecimento dos vínculos grupais e ao aprofundamento e expansão da compreensão da experiência do envelhecimento. Após encontros preliminares à intervenção, pudemos identificar aspectos básicos da dinâmica do grupo e traçar um perfil dos participantes, delineando, a partir daí, uma estratégia de trabalho, fundamentada na literatura acadêmica sobre a velhice e o envelhecimento, sobre a condição do idoso, no Brasil, e sobre experiências de trabalho com grupos de idosos. A experiência artística e teatral da graduanda em Psicologia, a qual realizou o trabalho, foi igualmente considerada na elaboração da estratégia de trabalho com esse grupo.

Envelhecimento, velhice e ser idoso no Brasil

O conjunto de leis que orientam as políticas brasileiras no tocante às pessoas idosas, o Estatuto do Idoso (Brasil, 2004), considera que pessoa idosa é aquela com idade igual ou superior a 60 anos. Ao mesmo tempo, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (Brasil, 2013) demonstram que a expectativa de vida da população brasileira tende a aumentar gradativamente: em 2013, a média de vida do brasileiro ficou em 74,9 anos e a projeção para 2060 é de chegar a 82,8 anos de idade. Uma vez que essa faixa já representa cerca de 19,6% da população total (Brasil, 2013) e sua tendência é aumentar, é notável a necessidade de se desenvolver políticas e boas experiências de trabalho, no âmbito da Psicologia, com essa população.

Como o envelhecimento é um processo repleto de mudanças significativas de ordem física, psicológica e social (Neri, & Freire, 2000), várias práticas e concepções distintas sobre a velhice e o envelhecimento estão surgindo.

Por um lado, existem aquelas abordagens que concebem o idoso como um portador de limitações funcionais do organismo, tais como limitações da percepção auditiva e visual, limitações de memória e das capacidades neuronais, e aquelas causadas por desgaste dos órgãos vitais.

Muito comuns também são as abordagens que enfatizam alguns aspectos psicossociais negativos do envelhecimento, como desinteresse em encontros sociais, desânimo, perda da vontade de viver e dependência emocional (Stuart-Hamilton, 2000; Santos, & Sá, 2000; Venturi, & Bokany, 2007).

Por outro lado, têm sido recorrentes as formas de pensar a velhice que se posicionam em favor do cultivo das potencialidades inerentes ao processo de envelhecimento. Nesse sentido, enfatiza-se o amadurecimento emocional e a ampliação de certas competências como, por exemplo, a capacidade de resolver problemas práticos e compreender situações complexas da vida cotidiana, competências decorrentes da larga experiência de vida.

Além disso, destaca-se igualmente a aquisição de maior tempo livre proporcionado pela aposentadoria e, por vezes, o exercício da proteção familiar, fruto das políticas de seguridade social (Santos, & Sá, 2000; Stuart-Hamilton, 2000; Venturi, & Bokany, 2007; Torres, 2010).

Assim como Gaglietti, e Barbosa (2007), entendemos que não se pode considerar a idade como uma condição natural, por estar atrelada a outros aspectos que não somente os biológicos e fisiológicos, e que tampouco se pode caracterizar a velhice com base em parâmetros puramente cronológicos, como se o tempo peremptório fosse suficiente, por si mesmo, para deflagrar certa condição de existência.

Sobre as condições do corpo, tomado em seus aspectos estritamente físicos e biológicos, agem as condições socioculturais, muitas vezes, até se sobrepondo às primeiras.

Por isso mesmo, surgem iniciativas em diversas áreas da ciência, das profissões e das políticas públicas, tentando modificar a experiência do envelhecimento por meio de intervenções no plano psicológico, no plano das representações e das relações sociais e até mesmo no plano assistencial e dos direitos humanos e exercício da cidadania.

O protagonismo social demarcado pela participação: os grupos destinados à terceira idade

Os grupos de convivência, estimulados por diversas políticas públicas e projetos de atenção aos idosos, são parte de estratégias e tentativas de modificação de antigos saberes, concepções e práticas em relação à velhice, que a tomavam como uma fase de decadência e degeneração do corpo, de adoecimento e de decrepitude psicológica. As práticas mais recentes investem nas potencialidades de subjetivação dos idosos, no seu empoderamento e na conquista da autonomia.

Dentre os diferentes grupos de convivência, ganham bastante visibilidade os Grupos de Terceira Idade, estimulados tanto pelas políticas públicas ensejadas pelo Estado quanto por aquelas deflagradas por organizações não estatais ou mesmo por iniciativas da população. Rizzolli, e Surdi (2010), assim como Daher, e Debona (2010), compreendem a emergência de tais grupos como uma resposta a estigmas, ainda persistentes no contexto social, os quais associam o idoso à imagem da inatividade, da decrepitude e invalidez.

Os resultados da participação nesses grupos, segundo os próprios participantes, são bastante positivos para a saúde e melhoria da qualidade de vida, visto que representam um local propício para o lazer e passatempo, para ampliação das redes sociais, formação e manutenção dos laços afetivos e para a promoção de uma vida saudável (Daher, & Debona, 2010). Fundamentalmente, os grupos de convivência favorecem uma sensação de bem-estar e de satisfação pessoal do idoso, por significarem, de algum modo, a existência e o fortalecimento do sujeito enquanto protagonista de sua história.

Na literatura, o protagonismo é concebido em relação à figura daquele personagem que delinea o enredo na história contada, seja na dramaturgia, seja na poesia, no romance ou outras formas literárias de narrativa. Apoderando-se dessa concepção, as ciências sociais se referem ao protagonista como uma analogia ao personagem principal de uma narrativa e o coloca como sinônimo de sujeito (Minayo, 2001). Da mesma maneira, Justo, Rozendo, e Correa (2010) utilizam-se da expressão *ator social* para caracterizar o sujeito que atua efetivamente na sociedade, enfatizando, assim, a analogia com a construção de um enredo literário. Para os referidos autores, essa metáfora não é aleatória, pois evidencia que a linguagem e a narrativa são elementos essenciais para a constituição do homem e do seu mundo, sendo que é por meio delas que o sujeito é capaz de se posicionar em seus distintos papéis sociais.

Podemos pensar a vida como uma história, à semelhança dessas criadas pelos escritores em seus romances ou até mesmo daquelas criadas por diretores de novelas de televisão. Estamos no mundo como personagens de uma grande história, como atores de um drama ou de uma trama (Rozendo, *et al.*, 2010, p. 44).

A figura do protagonista, portanto, está atrelada à ideia de empoderamento do ator social, porque é a partir de sua autonomia e atuação que se constroem realidades. Ressaltamos que não há protagonismo solitário. Cada ator social depende de outros protagonistas para contracenar e construir novos sentidos e ações os quais tenham algum impacto na comunidade em que estão inseridos. Nesse sentido, Gohn (2004) assevera:

O “empoderamento” da comunidade, para que ela seja protagonista de sua própria história, tem sido um termo que entrou para o jargão das políticas públicas e dos analistas, neste novo milênio. Trata-se de processos que tenham a capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável, com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e o desenvolvimento dos projetos. O novo processo tem ocorrido, predominantemente, sem articulações políticas mais amplas, principalmente com partidos políticos ou sindicatos (Gohn, 2004, p. 23).

Verificamos que a *participação* é tida como um elemento-chave para o fortalecimento da atuação social que ocorre tanto nos espaços informais, menos organizados, quanto em grupos organizados, bem como quando a participação se orienta do plano micro para o macrossocial. Devemos considerar, ainda, que a participação social acontece no plano local, onde a comunidade exerce e vivencia suas experiências. É no âmbito local que os sujeitos se organizam e criam laços de pertencimento e identidade. Essa participação deve ser ampla, “[...] ativa e considerar a experiência de cada cidadão que nela se insere e não tratá-los como corpos amorfos a serem enquadrados em estruturas prévias” (Gohn, 2004, p. 24). Logo, mais do que participar, protagonizar é um exercício pleno de cidadania.

Não é possível prescrever formas de protagonismo social, pois ele ocorre nos mais diversos contextos e envolve os mais distintos sujeitos.

Mesmo quando tomamos o caso da população idosa, podemos pensar em certas vias de protagonismo já estabelecidas, como aquela dos Conselhos de Idosos – municipais, estaduais e o federal –, no entanto, podem existir tantas outras vias, como a de movimentos de aposentados ou aquelas criadas no cotidiano, nas relações de gênero (Rodrigues, & Justo, 2009), e várias outras que podem ser abertas em diversos espaços e esferas da vida.

Atentamos para o fato de que, ao longo da história, o protagonismo tem sido exercido pela comunidade em sua amplitude e complexidade (Gohn, 2004). De maneira geral, “[...] o cidadão atual não é mais mantido à distância, mas chamado a participar e auxiliar nas mais variadas tarefas e a opinar sobre assuntos diversos” (Rozendo, *et al.*, 2010, p. 39), incluindo aquilo que lhe traz bem-estar.

Logo, crianças, jovens e velhos, filiados ou não a grupos organizados ou a instituições assumidamente políticas, podem atuar para transformação social e se fortalecerem como protagonistas.

A literatura científica e os meios de comunicação realçam o protagonismo social, político, cultural e econômico do jovem. Todavia, é inquestionável a visibilidade adquirida pelo idoso, na atualidade, seja pelas demandas do mercado de trabalho e do consumo, conforme tem sido apontado por estatísticas do IBGE (Brasil, 2013), seja mesmo pela sua presença em atividades de lazer, em grupos de convivência, em movimentos reivindicatórios e em tantos outros espaços sociais.

O empoderamento tem significado, para a população mais envelhecida, inclusive, melhoria na autoestima e na qualidade de vida e continuidade no mundo do trabalho possível após a aposentadoria. Assim, é por acreditarmos em um idoso atuante que defendemos a abertura de espaços para que ele possa vivenciar a velhice de forma mais ativa e sentir-se mais aceito e integrado na sociedade e aos microespaços em que vive.

Entendemos que o protagonismo do idoso, na construção psicossocial do envelhecimento, também pode ser exercido em grupos de convivência, como esse que organizamos em torno da realização de oficinas de Psicologia.

Caracterização do grupo e Metodologia

O grupo já existia antes de realizarmos as Oficinas de Psicologia. Teve início em setembro de 2012, com a participação de um número bastante modesto de pessoas, as quais passaram a se reunir todas as tardes de segunda-feira, durante um período de três horas, para conversar, realizar trabalhos manuais, como pinturas, artesanato e, ao final, compartilhar um lanche. Em abril de 2013, a integrante do grupo que era responsável pelo planejamento das atividades procurou o Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, solicitando um trabalho de fortalecimento do grupo e de intensificação do uso do espaço em que ele acontecia.

A partir disso, visitamos e observamos o grupo em duas ocasiões diferentes e percebemos que havia um forte interesse das participantes em se reunir e manter o grupo funcionando; porém, a falta de atividades mais dinâmicas e diferentes daquelas que poderiam ser realizadas em casa era um fator de desmotivação para a participação no grupo, que, nessa ocasião, contava com cinco pessoas.

Essas duas visitas iniciais revelaram ainda que as integrantes do grupo eram bastante cultas, viajadas, tinham gosto pela literatura e pelas artes. Tinham considerável vigor físico e nenhuma apresentava problemas de mobilidade ou de locomoção. Durante os diálogos que estabelecemos, chamou-nos muito a atenção a relação que elas mantinham com o passado, por vezes, relatado como um passado glorioso. Em contraste com a forte presença do passado em suas narrativas, praticamente nada falavam sobre o futuro. Desde esse momento, começamos a delinear quais atividades poderiam ser desenvolvidas e, principalmente, com qual propósito. Elencamos algumas possibilidades e levamos para a apreciação do grupo. Esse processo de compartilhamento das decisões sobre o que fazer se mostrou muito rico, pois, apesar de o grupo não acatar algumas de nossas propostas, notamos que as propostas rejeitadas serviram como um disparador de ideias originais por parte de suas participantes.

A concepção teórico-metodológica de grupo na qual nos embasamos é aquela do grupo operativo, criada por Enrique J. Pichon-Rivière. O grupo operativo define-se por um “[...] conjunto de pessoas com um objetivo comum que procuram abordar, trabalhando como equipe” (Bleger, 2007, p. 59). Segundo Pichon-Rivière, “[...] os grupos de discussão e tarefa [...] são postos em funcionamento por um coordenador, cuja finalidade é obter, dentro do grupo, uma comunicação que se mantenha ativa, ou seja, criadora” (2005, p. 127).

Nessa perspectiva, o coordenador do grupo “[...] trabalha o tema com sua técnica e de acordo com os objetivos que o grupo se propõe a alcançar; porém, sua tarefa deverá centrar-se nos seres humanos que integram o grupo” (Bleger, 2007, p 93). Fundamentalmente, o grupo operativo se organiza em torno de duas tarefas: aquela atividade ou trabalho que é acordado entre os participantes e a tarefa de construir ou aprimorar o funcionamento do próprio grupo, significando isso desenvolver relações e vínculos que lhe deem maior capacidade de criação, transformação e realização de seus objetivos racionais e afetivo-emocionais.

Essa concepção de trabalho com grupos pareceu bastante adequada e frutífera para nossa proposta, uma vez que, tal como aponta Bleger, “[...] embora o grupo esteja concretamente aplicado a uma tarefa, o fator humano tem importância primordial já que constitui o ‘instrumento dos instrumentos’” (Bleger, 2007, p. 60). Além disso, a “regra de ouro” da técnica dos grupos operativos é o respeito ao emergente do grupo, ou seja, “[...] trabalhar com a informação que o grupo atualiza a cada momento e que corresponde ao que momentaneamente pode admitir e elaborar” (Bleger, 2007, p. 83). Desse modo, a implementação de grupos operativos como técnica de intervenção mostrou-se perfeitamente adequada às nossas leituras acerca da dimensão social do envelhecimento, já que colocam o sujeito como ativo e protagonista na produção de subjetividade e dos sentidos que dão significado à existência.

Além disso, também fez parte da escolha das atividades que seriam desenvolvidas a formação acadêmica e artística da estagiária que ficaria responsável por coordenar as Oficinas de Psicologia. Além de cursar o último ano do curso de Psicologia, a estagiária possuía uma considerável experiência nas artes cênicas, tendo realizado oficinas de teatro por mais de cinco anos com crianças, adolescentes e idosos, bem como dezenas de trabalhos como atriz e diretora em grupos de teatro amador. Sua concepção artística estava calcada no pensamento de Augusto Boal, precursor do chamado Teatro do Oprimido. Segundo esse autor, “[...] ser cidadão não se trata apenas de viver em sociedade, mas de transformar o mundo em que se vive” (Boal, 2006). Nesse sentido, são valorizados não apenas os grandes feitos, mas também as pequenas ações que modificam os contextos microsociais e os recursos artísticos, como o teatro, são considerados instrumentos potentes para promoverem transformações.

As Oficinas de Psicologia aconteceram entre os meses de maio e novembro de 2013, perfazendo 20 encontros.

O número de participantes foi aumentando, na medida em que desenvolvíamos as atividades, sendo que iniciamos com aproximadamente sete idosas assíduas e encerramos com um grupo de dezoito idosas, todas elas mulheres, com idade entre 60 e 85 anos. O grupo que se formou após o início das atividades era bastante homogêneo, em termos de características pessoais das participantes: mulheres aposentadas e ativas na vida familiar e social (participavam de vários grupos na Igreja e na comunidade), católicas praticantes, casadas, com filhos e oriundas de famílias de classe média. Algumas, poucas, eram viúvas ou solteiras e sem filhos. Quanto à profissão, um terço do grupo era formado por professoras aposentadas e as demais eram agricultoras aposentadas e donas de casa.

Nossas atividades foram divididas em três etapas: primeiro, fizemos atividades de socialização que pudessem promover o fortalecimento da identidade grupal; em seguida, efetivamos atividades de senso-percepção; e, por fim, trabalhamos a relação e a produção de sentido acerca do passado, presente e futuro.

Para a primeira etapa de nossas atividades, utilizamos jogos em que as participantes fundamentalmente precisavam trabalhar em conjunto, oportunidades que favoreceram a aquisição de confiança umas nas outras e dinâmicas que possibilitaram o conhecimento de passagens da vida e dos valores individuais de cada uma.

Na segunda etapa de nossos encontros, realizamos atividades de senso-percepção, abrangendo a sensibilização dos cinco sentidos, visando a exercitá-los e ódigo -los. Compreende-se a senso-percepção como a aliança entre a sensação e a percepção. Enquanto a sensação é definida como o fenômeno gerado por estímulos físicos, químicos e biológicos que produzem alterações nos órgãos receptivos, sejam visuais, sejam táteis, gustativos, auditivos ou olfativos, a percepção se refere à tomada de consciência desses estímulos (Alves, 2010). Além desse processo de conscientização de estímulos sensoriais, as participantes eram solicitadas a atribuir significados e por vezes ressignificar a relação com aqueles estímulos, amparadas no que o grupo colocava. Ao trabalhar com os sentidos físicos, favorecíamos tanto o processo de memorização e a relação com a realidade presente, quanto o processo de produção de sentidos, a partir dessas experiências sensoriais.

A última etapa de nossas atividades teve como objetivo trabalhar a relação e a significação das participantes com o tempo presente e o futuro. A significação do presente consistiu em dar sentido às vivências trazidas pelos participantes, buscando romper com a ideia-clichê da velhice voltada para o passado.

Ainda que por vezes algumas experiências passadas fossem relatadas, a ênfase do grupo era atualizar o seu sentido e, por vezes, ressignificar tal experiência. Nessa etapa do trabalho, recorreremos ao uso de fotografias e técnicas de teatro enquanto ferramentas de representação, presentificação e protagonismo no cotidiano.

Nessas três etapas, ocorreram atividades com diversos mediadores, tais como músicas, contos e crônicas, confecção de arranjos florais, fotografias, encenações, partilha de histórias pessoais, através de exposição de objetos pessoais, dentre outros. Neste artigo, analisaremos os quatro encontros que se remeteram à significação do presente e do futuro. São eles: 1) oficina de fotografia; 2) oficina de memória; 3) oficina sobre os diversos tempos; e 4) oficina de dramatização. Resumidamente, a oficina sobre o olhar, mediada pela fotografia, acabou evocando o tema da memória e, com ela, foi possível trabalhar as conexões entre os diferentes tempos, o que, por sua vez, deu oportunidade ao trabalho com a dramatização.

Resultados e discussões

Oficina com fotografia: a busca pela eternização do passado (dois encontros)

Na primeira oficina com fotografia, intitulada “A vida em um click”, as participantes foram deslocadas em pequenos grupos até a praça em frente à igreja e convidadas a tirar fotos que representassem a vida da forma como elas a enxergavam. Foram fotografados colegas, igreja, árvores e o grupo. Houve uma breve apreciação das fotografias, ainda na câmera fotográfica, e, na sequência, a leitura da crônica “ao momento presente” (Abreu, 2006), que permitiu encerrar a atividade com a reflexão sobre a especificidade e instantaneidade de cada momento. Essa crônica foi escolhida para o encerramento dessa atividade porque versa sobre a beleza do agora. O autor identifica o momento presente com a beleza e a fragilidade de um cristal, o qual pode se quebrar ou ser desperdiçado, se não for atentamente manejado e contemplado. Tal crônica ainda enfatiza o fato de que cada momento é único a ser vivido em uma vida. Ao transpormos essas ideias para o processo de envelhecimento, as participantes resgataram alguns instantes inesquecíveis em suas vidas e discorreram sobre a oportunidade que tiveram de vivenciar tantas coisas diferentes, que, por fim, elas identificaram como aprendizados.

No encontro seguinte, organizamos a projeção das imagens. Entre uma imagem e outra, várias participantes relataram o seu encanto com a atividade, tanto do ponto de vista da reflexão como da prática de utilizarem uma câmera digital, experiência inédita para muitas delas. O conteúdo destacado nas imagens serviu como disparador para diversificados apontamentos. A fotografia que enquadrava o contraste de uma árvore cheia de folhas e outra seca acionou questões sobre os ciclos da vida e a reflexão de que, embora a árvore com folhas pareça mais imponente, a seca é igualmente bonita, à sua maneira, e denota que esta já viveu aquilo que a outra ainda não experimentou. Em outra fotografia que retratava sombras das árvores projetadas sobre um gramado, sua autora comentou que as sombras também lembravam a vida, a qual é feita de claros e escuros, resquícios de memórias e vivências atuais. As fotografias da igreja e imagens de santos, em geral, evocaram a trajetória religiosa comum a todas. Ademais, fotografias que mostravam o caminho de pedras, a rua e a escadaria remeteram-nas ao percurso próprio da vida, conforme elas apontaram: uma eterna escalada que precisa ser vivida.

Retomamos aqui os dados trazidos em revisão comentada acerca dos aspectos positivos da participação em grupos de idosos, conforme João, *et al.* (2002). A ideia central dos artigos com relatos de experiência com grupos dessa população, segundo compilado, conclui que a autoestima e autopercepção favorecidas pelas atividades coletivas são fatores determinantes para a vivência de bem-estar e, por consequência, para a manutenção e reestabelecimento da saúde física e mental. A exemplo, citamos os participantes dos grupos de convivência estudados por Leite, Cappellari, e Sonego (2002), para os quais as considerações dos entrevistados surgem no sentido de que a manutenção do vínculo de amizade com outras pessoas, possibilidade de dialogar e de compartilhar problemas comuns nas vidas dos participantes propiciam resultados positivos com relação à saúde.

Nesta segunda oficina com fotografia, retomamos reflexões sobre a delicadeza do momento presente e da atenção especial que é possível dispensar ao dia atual. No entanto, a fotografia, enquanto um objeto, foi apontada pelas participantes como uma maneira de arquivar o passado e não o presente, pois, quando revista, a imagem já não existe mais daquela forma. Nesse momento, encaminhamos a discussão para o fato de que elas podem ser vistas de modo distinto ao de meros aprisionamentos do passado, mas representar a prospecção do futuro, ao se apresentarem como eternizadoras do presente.

Assim, lançamos a pergunta, à semelhança do que fez Sanchez-Justo (2008; 2013), em suas oficinas de fotografia com a terceira idade: o que, do presente, você gostaria de eternizar para o futuro? As participantes pareceram surpreendidas, muitas se intimidaram. Uma delas, porém, iniciou a fala, relatando que gostaria de eternizar em um retrato a leveza e a verdade do ser criança, enquanto outra aludiu à experiência adquirida nos mais de cinquenta anos de casamento. Acreditamos que, embora a maioria não tenha se manifestado, naquele momento, levaram a questão consigo mesmas, sendo a pergunta muito mais um dispositivo para chamá-las para o presente do que para gerar uma resposta concreta e imediata.

Para finalizar o encontro, empregamos o áudio e a letra impressa da música “Fotografia”, cantada por Leo Jaime e Leoni (Jaime, & Siqueira-Júnior, 2002). As participantes gostaram da música, muitas não a conheciam, fazendo uma ponte com as fotografias que elas haviam feito e trechos da letra da música como os “laços invisíveis”, o “afeto em frente ao mar” e as “sombras que vão ficando compridas”.

Como proposta para o encontro seguinte, foi sugerido que as participantes refletissem sobre a mesma pergunta: “O que, do presente, você gostaria de eternizar para o futuro?”, contudo, trazendo uma imagem, objeto ou mesmo fotografia que pudesse ilustrar uma possível resposta.

Oficina de memória: a experiência de prospecção do futuro (dois encontros)

Em resposta à questão colocada no encontro anterior, algumas das participantes trouxeram fotografias; outras, objetos; algumas se esqueceram, ou não encontraram algo que representasse uma imagem significativa para levar, mas se dispuseram a expressar e descrever verbalmente o que elas gostariam de eternizar.

Uma das participantes contou sobre suas gravidezes e a vinda do primeiro neto, para quem sempre dizia ser a criança mais linda do mundo. Cultivando essa ideia em casa e ao longo da vida da criança, a avó lembrou, certa vez, quando o neto ainda estava aprendendo a falar, que lhe perguntaram quem era. A criança respondeu que era “o neto mais lindo do mundo”. A participante relata que esse momento foi inesquecível, em sua vida, por isso gostaria de eternizá-lo.

Outra participante levou uma toalha decorada em *patchwork*. Ela relatou ter aprendido essa arte com uma senhora já falecida e que, desde então, não parou mais de fazer esse artesanato. Ainda hoje repassa esse conhecimento a quem se interessa e o continua praticando em outro grupo de encontro semanal, do qual também participa. Esse trabalho é algo que a marca e que gostaria de levar para sempre consigo – além da técnica, a memória de quem lhe ensinou aquilo, alguém que preza muito e que é eternizada em cada toalha decorada no presente.

Uma terceira participante trouxe um álbum de fotografias que havia sido confeccionado por ela e seu neto, na ocasião em que ele tinha por tarefa escolar representar a vida dos avós. Ela compartilhou a história de sua vida, por meio de imagens, fotografias e textos que cuidadosamente foram compilados em um álbum artesanal. Após mostrar e comentar as fotografias e textos, relatou que o que gostaria de eternizar é a família e os sentimentos que nutre por ela. Nesse sentido, a fotografia parece surgir nos comentários do grupo como um jeito de lembrar momentos prazerosos, mas também uma forma de identificação com o grupo, e entre si, uma vez que as participantes se colocavam em sintonia com os sentimentos do autor da fotografia. Assim, podiam conjuntamente elaborar novos sentidos e significados para os conteúdos das fotos e para os momentos em que foram retratadas. Outras fotografias foram trazidas para retomar os valores e sentimentos pela família, aprendidos em casa e cultivados no presente, com anseio de permanecerem no futuro. Nessa perspectiva, a vida é vista aqui enquanto aprendizagem. Trata-se de “[...] um processo de mudanças de ação assimiladora entre o que o sujeito apresenta, de conhecimento, baseado na sua visão de mundo, nas suas tradições e costumes; e do conhecimento novo, que está sendo ensinado” (Teixeira, 2002, p. 76). Portanto, todo o aprendizado acontece no presente, incorporando e atualizando registros de experiências passadas, e agindo prospectivamente com vistas a um futuro. Eis o principal motivo pelo qual nos parece haver efeitos positivos pensarmos em ser idoso, em termos de presente e futuro.

Em continuidade, no encontro seguinte, propusemos o tema inverso: pensar nos elementos do presente de que gostariam de se livrar e não levar para o futuro. Assim, estendemos sobre a mesa um cartaz em que estava escrito “O quê, do presente, você quer deixar no passado? – direcionando para que as participantes escrevessem o que gostariam de deixar para trás. Configuramos, então, uma rodada de comentários e apontamentos. Os conteúdos foram bastante similares, indicando palavras associadas com deixar as tristezas, mágoas, aborrecimentos e principalmente as perdas de coisas e/ou de pessoas queridas.

Após a fala de cada uma das idosas, era perguntado ao grupo se as demais queriam igualmente deixar aquilo para trás, ou se desejavam guardar consigo, conforme a pertinência da questão para cada uma. Há, por conseguinte, identificação entre as vivências das participantes do grupo, fato positivo ao se pensar em manutenção de vínculos e rede social (Leite, *et al.*, 2002). Nesse ponto, frisamos o protagonismo e a produção de sentido como um potencial de cada uma: ao se colocarem como autoras de suas vidas, elegendo o que cultivar e de que incômodos se livrar, as participantes exercitam o estilo de suas existências.

Por fim, convidamos as idosas a rasgarem um pedaço do cartaz e jogá-lo na lixeira, como um ritual de passagem, declarando simbolicamente que aquilo que não queriam para suas vidas fosse lançado ao lixo. Elas foram efusivas, rasgaram o cartaz com vontade e entusiasmo. Analogamente, declararam que as coisas boas, que as fazem bem e felizes, seriam guardadas em seus corações. Foi uma forma de colocar no concreto a subjetividade de suas vivências.

Para encerrar esse encontro, usamos o áudio e a letra da música “Tempos Modernos”, cantada por Lulu Santos (1982). Essa música foi escolhida porque fala da passagem e irreversibilidade do tempo e da esperança do porvir. Essa atividade favoreceu a produção de discursos sobre as possibilidades que só o tempo presente traz, como “viver os sonhos” e “fabricar a vida”. As participantes captaram bem esse clima e terminaram o encontro triunfantes, declarando que as pessoas não são só o que deixaram para trás, mas o que fazem no aqui-agora e o que escrevem para o futuro. Isso denota certa autonomia no fazer e no pensar, características consideravelmente preservadas nas idosas participantes desse grupo e comuns em idosos que mantêm vínculos com grupos parecidos (Rocha, *et al.*, 2009).

Oficina sobre o tempo: a compreensão de distintas existências e subjetividades (um encontro)

Aproveitando que a primavera se aproximava, orientamos o tema deste encontro para a percepção das mudanças decorrentes das estações do ano e dos períodos da vida, remetendo-nos a aspectos distintos do tempo: o tempo que dura, o tempo que demora, o tempo que evidencia a mudança por vir e o tempo que encerra o curso de uma transformação.

Primeiramente, solicitamos que as participantes elencassem palavras capazes de ilustrar diferentes modalidades de tempo. Foi apontado “o tempo que passa depressa”, “o tempo do florescimento das plantas”, “o tempo do renascimento”. Falou-se ainda sobre como é positivo ter a consciência do tempo que age sobre os seres humanos, aprimorando-os, ou ensinando-os, e da decorrente sensação de existir a partir dessa percepção.

Falou-se também do “tempo de paz e de guerra”, do “tempo do calendário e tempo do relógio”, “tempo pessoal e interno, característico de cada pessoa”, “tempo de trabalhar e de receber o pagamento”, “tempo de falar e de calar”, “tempo de namorar e de amar”, “tempo de refletir”, “tempo da expectativa do outro” (que faz o que lhe é solicitado, conforme acha que deve fazer) e o “tempo destinado ao outro”. No decorrer dessas conversas, relembramos fatos marcados pela temporalidade cósmica, como a passagem do cometa Halley, eclipse e outros fenômenos astronômicos, os quais acontecem raras vezes e em tempos específicos. Discutimos, ainda, sobre o sofrimento que podem trazer as diferenças entre o tempo do eu e do outro, com o exemplo de uma das idosas que fala sobre sua relação com o marido: enquanto ela atende prontamente a qualquer pedido dele, sabe que precisa esperar bastante, quando solicitar algo para si. Outros exemplos que surgiram foram de pessoas que já faleceram e deixaram marcas que permanecem na memória.

Feito esse debate, apresentamos trechos de quatro canções que abordam as distintas formas de tempo, buscando ódigo ção-las conforme os apontamentos e ilustrações colocados anteriormente.

Para finalizar a discussão, ouvimos a música “Envelhecer”, de Arnaldo Antunes (2009). Assim, pensamos na vida enquanto envelheSER, prova maior e mais concreta de que os anos cronológicos, passando, atestam a maturidade subjetiva que cada pessoa encontra para lidar com o seu tempo (Gaglietti, & Barbosa, 2007). Nesse momento, a intervenção de uma das participantes catalisou o espírito do trabalho desenvolvido, ao declarar que a existência de grupos com trabalhos similares é necessária para que as pessoas mais envelhecidas possam se conscientizar de que envelhecer não é não fazer nada e esperar a morte, mas experienciar bem as oportunidades que somente aquela idade a que chegaram pode oferecer.

Tais considerações vêm ao encontro de resultados de pesquisas em outros grupos de idosos com as mesmas características e finalidades: o grupo acaba sendo uma forma de suporte, mas não somente isso. Ele é visto como a possibilidade de trocar experiências e de se sentir pertencente à sociedade, mesmo estando na velhice (Dalmolin, *et al.*, 2011), visto que este não é um fator de exclusão social nesses grupos.

Nesse sentido, o empoderamento do idoso é essencial para que ele possa protagonizar: em sua casa, no grupo, na sociedade em que vive.

Oficina de dramatização: o exercício do protagonismo na vida privada (dois encontros)

No primeiro desses encontros, cuja pauta foi o tempo presente e a autoria da própria existência, as participantes vislumbraram a possibilidade de fazer algo com jogos dramáticos, uma vez que conheciam o trabalho com artes cênicas que a estagiária, coordenadora da oficina, realizava em paralelo com sua formação universitária. Naquela ocasião, optamos por manter as atividades que já estavam programadas e inserir algumas oficinas de dramatização como última etapa de envolvimento com este grupo.

Assim, organizamos a oficina tendo como aquecimento o exercício de caminhar livremente pela sala, enquanto recebiam indicações de emoções que deveriam ser expressas no corpo e na face. Após alguns minutos de caminhada, esboçando as emoções de tristeza, alegria, nervosismo e medo, indicamos que formassem dupla com a primeira pessoa que encontrassem e contassem uma história para ela, retomando a emoção indicada e finalizando com a expressão corporal e facial de como se estivessem descendo em uma roda gigante.

Em seguida, sentamo-nos em círculo e a pergunta inicial da estagiária foi a de quem já havia andado de montanha russa, sendo que apenas duas pessoas responderam afirmativamente. Questionamos as demais sobre como era representar estar em uma montanha russa sem nunca ter estado nela, e as considerações foram de que não andaram, mas já haviam visto e ouvido relatos sobre o brinquedo, e que isso as fazia imaginarem como seria. As outras duas, que já haviam andado, disseram retomar a lembrança das sensações experienciadas. Com isso, conduzimos a discussão de sorte que se valorizasse a expressão do desconhecido, a partir de outras vivências similares, tal como propõe Stanislavski (1996).

Solicitamos, então, que as participantes compartilhassem algumas das histórias que contaram durante a atividade, sendo relatados pequenos acontecimentos que lhes trouxeram alegria, medo, tristeza e nervosismo. Na sequência, em vias de encerramento das atividades do dia, vivenciamos um *feedback* sobre o encontro e a pontuação de que ali, naquele espaço, havia sido feito teatro.

As improvisações em duplas, montadas com base na emoção sugerida, foram da competência das participantes. Sendo as cenas baseadas em fatos reais ou inventadas, passaram pela visão pessoal de cada uma. As participantes se espantaram, alegando nunca terem feito teatro e que não acreditavam serem capazes de tal, mas que a atividade aconteceu tão naturalmente que nem perceberam. Nesse ponto, levantamos, além da positividade da troca de experiências (Leite, *et al.*, 2002; Dalmolin, *et al.*, 2011), também o exercício do aprendizado, o qual favorece a continuidade do desenvolvimento humano (Teixeira, 2002).

Apresentamos como proposta, para o encontro seguinte, o trabalho com jogos dramáticos representando cenas de seus cotidianos. A finalidade da oficina foi a de representar a autoria que cada idosa assumia em relação a sua vida, enfocando o protagonismo exercido na vida privada. Assim, no encontro seguinte, nós as dividimos em três pequenos grupos com aproximadamente seis idosas em cada, e juntas organizaram suas histórias/estórias. Como resultado, o primeiro grupo representou “A viagem”¹, vivenciada por uma das participantes pela região em que mora, em um final de semana. O grupo estava bem-entrosado, demonstrando facilidade em articular as ideias, de modo que o improvisado foi muito bem-sucedido, com trocas mútuas em cena, de maneira dramaticamente natural.

Na sequência, o segundo grupo encenou “O roubo”. A história de uma das participantes retratava a ida da nora ao banco para pagar uma conta. Chegando lá, percebe que a bolsa que carregava nas costas havia sido aberta, sem que notasse, e sua carteira roubada. Chamou a atenção que a autora da história quis se colocar em cena para contar como havia sido, atuando como narradora da cena, e indicando as ações vividas pelas personagens.

A terceira história foi “O golpe”, situação em que uma pessoa tentou ludibriar uma das idosas com o golpe do bilhete premiado. As participantes representaram a cena, embora um pouco retraídas e receosas. Nesse caso, a autora inicial da história demonstrou interesse em preservar os detalhes conforme aconteceram e, durante a cena, dava indicação de falas e ações às demais participantes.

Em resumo, todas as encenações foram muito boas e as ideias interessantes, sendo que as idosas revelaram prazer em encenar situações cotidianas.

Assim como foi verificado por Sanchez-Justo e Vasconcelos (2012), em sua oficina de fotografia com um grupo de idosos, para pensar a memória enquanto prospecção do futuro, neste trabalho, o teatro pôde ser evidenciado como ferramenta de protagonismo da vida cotidiana.

¹ Os títulos das cenas foram de autoria das participantes de cada pequeno grupo de encenação.

Ele constituiu-se muito mais como instrumento para criação do que para lamúria do tempo passado. Aqui, também, “[...] o protagonismo do idoso ficou evidente quando, como artistas, produziram obras [cênicas] que contaram as suas versões da história, mostrando-nos seus pontos de vista” (Sanchez-Justo, & Vasconcelos, 2012, p. 123), sobretudo quando uma idosa se colocava literalmente como narradora da história que havia vivido e que, na ocasião, contava aos seus interlocutores. Trata-se, por conseguinte, de exercer o protagonismo, ao atuar como sujeito social (Teixeira, 2002).

Conforme o interesse do grupo, a oficina de Psicologia prosseguiu até seu encerramento, aliando a Psicologia do Envelhecimento com o teatro, e culminando com a produção grupal de uma encenação natalina, cujo enfoque foi o retrato atual e cotidiano do Natal, proposta pelo grupo como uma retratação distinta da tradicional representação do nascimento de Jesus Cristo. Criamos conjuntamente um enredo de ceia natalina entre familiares e amigos, em que algumas das personagens recebiam pessoas conhecidas em sua casa, para a ceia de Natal. Os personagens que chegavam à cena traziam consigo símbolos natalinos e falavam brevemente sobre seus significados. Na sequência, revelamos o jogo do amigo secreto, dentro da própria encenação. Como encerramento da encenação e início dos “comes e bebes” de confraternização, uma das participantes coordenou uma oração de agradecimento pelo ano que tiveram, ainda dentro da cena. Essa postura do grupo, mais uma vez, demonstra a necessidade das participantes de viver o presente, os momentos que estão ao alcance no aqui-agora.

A ênfase no presente claramente demarca um posicionamento distinto daquele comumente atribuído à população idosa, segundo o qual a velhice é um período da vida aprisionado a um passado cristalizado e morto. Tal como esse, existem tantos outros estigmas que necessitam urgentemente serem revistos e superados, conforme já apontaram outros autores (Teixeira, 2002; Gaglietti, & Barbosa, 2007; Sanchez-Justo, 2008; 2013).

A oficina, de modo geral, apontou, ainda, para a relevância da Psicologia e da intervenção de um psicólogo enquanto agente facilitador em grupos de atendimento ao idoso, cujo objetivo principal é o de pensar e propiciar uma velhice saudável (Morais, 2009).

Considerações finais

Os resultados do trabalho desenvolvido com o grupo da Pastoral da Pessoa Idosa, por meio de oficinas de Psicologia, evidenciaram o enfoque do idoso, na atual sociedade, buscando romper com a ideia de velhice e envelhecimento ligados estritamente ao passado, portanto, como sinônimo de lamentação e saudosismo. Ao contrário, a utilização da fotografia e do teatro imprimiram novos papéis sociais ao sujeito mais envelhecido: ele pode criar e ressignificar, pode pensar em prospecção, em futuro, pode se apresentar como um sujeito desejante e autor da própria história. Pode, enfim, protagonizar.

Assim, o grupo pesquisado estabeleceu-se como espaço de troca de vivências entre estagiária e participantes e das próprias participantes entre si. Para além da troca e partilha de experiências, no entanto, o grupo também oportunizou a ressignificação do presente, cujos mediadores (a fotografia e o teatro) instrumentalizaram as idosas, a fim de que atuassem enquanto verdadeiras autoras e narradoras de suas histórias. As fotografias tiradas e as encenações nada mais foram do que a narrativa de si e do seu devir, interligando presente e futuro, com isso, tornando as limitações impostas por *kronos* insignificantes diante da magnitude da existência vivida como *Kairós*.

Por fim, atentamos para as limitações do estudo, caminho que se produziu durante o caminhar na companhia das próprias participantes do grupo e de tantos outros autores que fizeram caminhadas parecidas (Leite, *et al.*, 2002; Camarano, 2007; Sanchez-Justo, 2008; 2013; Daher, & Debona, 2010; Dalmolin, *et al.*, 2011).

Dado o pequeno número de idosas participantes, a especificidade de ser um grupo apenas de mulheres e por já serem ativas na comunidade certamente influenciou o percurso que fizemos.

Resultados similares seriam encontrados em grupos masculinos ou mistos? Como o homem tem experienciado a velhice? Em acréscimo, em grupos com objetivos similares que ocorrem em Instituições de Longa Permanência para Idosos, a velhice tem sido vista do mesmo modo? Desse modo, certamente a principal limitação desta pesquisa é sua especificidade, sua singularidade, que tem a marca da formação cultural específica de todas as pessoas envolvidas nessa experiência, o que naturalmente dificultaria a replicação exata deste trabalho.

O trecho percorrido nessa caminhada foi significativo para nós e, talvez, possa inspirar outras iniciativas que se assemelhem às nossas propostas e temas de discussão, porém, estamos cientes de que existem ainda muitos caminhos por se fazer, que, na verdade, são infindáveis e que estamos apenas começando a abrir algumas trilhas, ainda toscas, no que contemple outras perspectivas sobre o envelhecimento e a velhice trabalhadas nesse tipo de grupo, não mais atrelado somente à vivência nostálgica do olhar sobre o passado e muito menos como uma etapa marcada apenas por perdas e limitações.

Os resultados apontados, embora sutis, evidenciam ainda mais a necessidade de estudos que busquem a compreensão do ser idoso como vivendo uma etapa do desenvolvimento tão valiosa quanto as outras e que precisa ser respeitada e potencializada em suas especificidades.

Por fim, apontamos para as oficinas artísticas como ferramentas ricas para a interação e desenvolvimento do ser humano, seus desejos, anseios e expectativas, sendo que estas precisam ser adaptadas para a população a ser trabalhada, em específico, assim como estar articuladas a objetivos e técnicas sólidos.

Referências

- Abreu, C. F. (2006). Pequenas epifanias. In: *Pequenas Epifanias: Crônicas (1986-1995)*. Rio de Janeiro, RJ: Agir.
- Agência Brasil (2013). Chegou a 27% total de idosos brasileiros no mercado de trabalho. Recuperado em primeiro, abril, 2014 de: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-29/chegou-27-total-de-idosos-brasileiros-no-mercado-de-trabalho-em-2012>.
- Alves, D. (2010). *Olhar perceptivo: atividades de sensopercepção em ações de educação ambiental: Caderno de roteiros*. Brasília, DF: Ibama.
- Antunes, A. (2009). Envelhecer. In: *Lê lê lê* [CD]. São Paulo, SP: Rosa Celeste.
- Baltes, P. B. (1995). Prefácio. In: Neri, A. L. (Ed.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas, SP: Papirus.
- Bleger, J. (2007). *Temas de Psicologia: Entrevista e Grupos*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Brasil. (2004). Estatuto do Idoso. Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003. Recuperado em 08 outubro, 2013, de: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/código/idoso_L10741.pdf.

Brasil. (2013). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Em 2013, a esperança de vida ao nascer era de 74,9 anos*. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-enso?view=noticia&id=1&idnoticia=2773&busca=1&t=2013-esperanca-vida-nascer-era-74-9-anos>.

Camarano, A. A. (2007). Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: Neri, A.L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo, SP: Editora Educação Perseu Abramo.

Carvalho, R. M. (2010). *O processo de envelhecimento na visão dos idosos participantes dos grupos de convivência de Volta Redonda: subsídios para confecção de cartilha informativa*. Dissertação de mestrado, 108 págs. Volta Redonda, RJ: Fundação Oswaldo Aranha, Unfoa.

Daher, D. V., & Debona, K. V. (2010). Reelaborando o viver: o papel do grupo no cotidiano de mulheres idosas. *Esc Anna Nery*, 14(4), 670-676. (impr.).

Dalmolin, I. S., Leite, M. T., Hildebrandt, L. M., Sassi, M. M., & Perdonssini, L. B. (2011). A importância dos grupos de convivência como instrumento para a inserção social de idosos. Ijuí, RS: *Revista Contexto & Saúde*, 10(20), 595-598. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/viewFile/1594/1340>.

Gaglietti, M., & Barbosa, M. H. S. (2007). Que idade tem a velhice? Passo Fundo, RS: *RBCEH*, 4(2), 136-148. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/131-517-1-PB.pdf>.

Gohn, M. G. (2004). Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, 13(2), 02-31. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/7113>.

Guerreiro, T., & Caldas, C. P. (2001). *Memória e demência: (re)conhecimento e cuidado*. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, UnATI.

Jaime, L., & Siqueira-Júnior, C. L. R. (2002). *Fotografia*. [Gravado por Leoni] Em: Você Sabe o Que Eu Quero Dizer [CD]. São Paulo, SP: Atração.

João, A. de F., Sampaio, Â. A. Z., Santiago, E. A., Cardoso, R. de C., & Dias, R. C. (2005). Atividades em grupo – alternativa para minimizar os efeitos do envelhecimento. Rio de Janeiro, RJ: *Textos sobre Envelhecimento*, 8(3), 01-10. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-59282005000300007&lng=pt&nrm=ver.

Justo, J. S., Rozendo, A. S., & Correa, M. R. (2010). O idoso como protagonista social. São Paulo, SP: *A Terceira Idade*, 21(48), 39-53. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6403_O+IDOSO+COMO+PROTAGONISTA+SOCI AL#/tagcloud=lista.

Leite, M. T., Cappellari, V. T., & Sonogo, J. (2002). Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idoso em grupos de convivência no município de Ijuí, RS. Goiânia, GO: *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 4(1), 18-25. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/746/810>.

Neri, A. L., & Freire, S.A. (2000). Apresentação: Qual a idade da velhice? In: Neri, A. L., & Freire, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus.

Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Rizzoli, D., & Surdi, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Bras. Geriatr. Gerontol.*, 13(2), 225-233. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n2/a07v13n2.pdf>.
- Rocha, I. A. da, Braga, L. A. V., Tavares, L. M. de, Andrade, F. B. de, Filha, M. de O., F., Dias, M. D., & Silva, A. O. (2009). A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para saúde mental do idoso. Brasília, DF: *Ver Bras Enferm*, 62(5), 687-694. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/06>.
- Rodrigues, A. P., & Justo, J. S. (2009). A resignificação da feminilidade na terceira idade. Porto Alegre, RS: *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 14(2), 169-186. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7233>.
- Sanchez-Justo, J. (2008). *Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas de família*. Dissertação de mestrado, (139 págs.). Assis (SP): Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.
- Sanchez-Justo, J., & Vasconcelos, M. S. (2012). Em busca dos sentidos produzidos pelo ato fotográfico na velhice. Presidente Prudente, SP: *Colloquium Humanarum*, 9(2), 120-126. Recuperado em 04 dezembro, 2013, de: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/126757?locale-attribute=es>.
- Sanchez-Justo, J. (2013). *O Ato fotográfico: memória, prospecção e produção de sentidos na velhice*. São Paulo, SP: Editora da Unesp.
- Santos, L. M. P. (1982). Tempos Modernos. In: *Tempos modernos* [CD]. São Paulo, SP: WEA Gravadora.
- Santos, A. T., & Sá, M. A. A. S. (2000). De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: Neri, A. L., & Freire, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. São Paulo, SP: Papirus.
- Siqueira, M. E. C. (2007). Velhice e políticas públicas. In: Siqueira, M. E. C. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP.
- Stanislavski, C. (1996). *A preparação do ator*. (13^a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Stuart-Hamilton, I. (2000). *A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução*. (3^a ed.). São Paulo, SP: Artmed.
- Teixeira, M. B. (2002). *Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção de saúde*. Dissertação de mestrado (144 págs.). Rio de Janeiro, RJ: Escola Nacional de Saúde Pública, Departamento de Administração e Planejamento em saúde, Fundação Oswaldo Cruz.
- Venturi, G., & Bokany, V. (2007). A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: Neri, A. L., & Freire, S. A. (Orgs.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo, SP: Editora Educação Perseu Abramo.
- Yassuda, M. S. (2002). Memória e envelhecimento saudável. In: Freitas, E. V., Py, L., Neri, A. L., Cançado, F. A. X., Gorzoni, M., & Rocha, S. M. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Recebido em 03/08/2015

Aceito em 30/09/2015

Paulo Victor Bezerra - Psicólogo; Professor colaborador junto ao Departamento de Psicologia de Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2012-2014); Doutor em Psicologia e Sociedade na Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus de Assis. Assis (SP), Brasil.

E-mail: paulusvictorius@gmail.com

Talita Baldin – Psicóloga, Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, PR, Brasil. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

E-mail: talitah_0507@yahoo.com.br

José Sterza Justo - Professor Livre-Docente da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Campus de Assis. Assis, SP, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma faculdade.

E-mail: sterzajusto@yahoo.com.br